

Quebrando pedra para ganhar a vida

Alexandre Augusto estreia na fotografia com exposição "Mulheres de Pedra"

Trabalhadoras do campo existem milhares no Brasil. Na Chapada Diamantina, mais precisamente em Itatim e Itaeté, municípios que visitou nos dois últimos anos, o jornalista e escritor Alexandre Augusto conheceu mulheres que quebram blocos de pedras gigantes e ganham o sustento da casa em troca de R\$ 55a cada mil paralelepípedos talhados.

A intimidade e convivência gerou uma exposição, que será aberta no Teatro Gregório de Mattos (Praça Castro Alves – Centro), no dia 24 de maio, às 19 horas, para convidados, e 25 para o público.

Mulheres de Pedra reúne 21 fotos em cor de cidadãs unidas por um sentimento: dignidade. Octogenárias como Dona Umbelina, que posou para a câmera, herdou o ofício dos pais, e o seu semblante é pura altivez. Os homens, que exercem o trabalho braçal de carregar as rochas nas pedreiras da região, também estão lá.

Alexandre conta que numa pesquisa sobre o tema na internet, deparou-se com o quadro *Stone Worker*, de Diego Rivera. Uma pintura feita em 1943 de um operário esculpindo um bloco de pedra. Do mesmo jeito e com as mesmas ferramentas que ainda hoje, mais de 70 anos. A inspiração lhe rendeu uma imagem que o público verá ao vivo.

Sobre o estalo para a exposição, ele diz: "Meu primeiro sentimento foi achar aquilo tudo uma exploração. Foi quando uma das senhoras mais velhas da pedreira me disse: 'Moço, meu pai foi cortador de pedras e eu faço isso desde menina. Agradeço a Deus todos os dias pela pedra. Foi com a pedra que criei meus filhos. É com a pedra que hoje eles criam meus netos'".

E prossegue: "As mulheres da Chapada trabalham de sol a sol para botar comida na mesa. Mesa que de noite elas vão arrumar para os maridos e filhos. É isso que quero mostrar com as minhas fotos. Foi isso que os meus olhos viram. A dignidade dessas mães, esposas e filhas. *Mulheres de Pedra* tanto no sentido mais literal quanto no mais poético. Força, beleza, aridez, delicadeza... tudo junto".

CONTADOR DE HISTÓRIAS

Em seu primeiro projeto como fotógrafo profissional, Alexandre se lançou com a bagagem de quem escreveu a biografia do sambista carioca Moreira da Silva (*O Último dos Malandros*, Editora Record, 1996) e produziu uma série de reportagens durante os cinco anos que viveu em Angola.

O interesse pelas lentes se aprofundou quando morou em Londres, onde comprou equipamentos e frequentou vários cursos. Admirador de Pierre Verger e Sebastião Salgado, prefere não rotular seu estilo, e diz que o mais importante é saber contar histórias.

Em *Mulheres de Pedra*, os visitantes serão convocados a fazer



GUERREIRAS

Da Chapada Diamantina dão duro quebrando paralelepípedos para conseguir levar sustento para casa

uma trilha visual por cidades perdidas no meio do nada. Chuva não cai, e as cores no cinza quem dá são as mulheres com camisas enroladas no rosto e no pescoço, esmaltes nos pés descobertos e combinações de roupas que soariam *fashion* em qualquer editorial de moda mais despojado. As crianças e os homens compõem a cena porque fazem parte da família. Assim como a casa, com seus quartos, mosquiteiros e altares revestidos de imagens de santos e Yemanjá.

A exposição *Mulheres de Pedra* é dedicada à avó de Alexandre. "A mulher mais forte que conheci. Sertaneja que morou numa colônia rural do Incra, na cidade de Santa Brígida, nos anos 60. Teve de ficar quase uma década morando longe dos filhos. Lembrei dela muitas vezes durante esse projeto. As mulheres têm importância extrema na minha vida. Além da minha avó, tenho o exemplo da minha mãe. Viúva que criou os cinco filhos sozinha. Ela foi mãe, pai, chefe de família. É mais uma mulher de pedra na minha vida". O texto de apresentação da mostra ficou a cargo da jornalista, escritora e atual curadora da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), Joselia Aguiar.

União estima arrecadar R\$ 11,7 milhões com taxas de imóveis públicos na Bahia



EXPOSIÇÃO

Será aberta dia 24 de maio, às 19h, no Teatro Gregório de Mattos

Taxas de imóveis públicos renderá R\$ 11,7 mi para União

MATHEUS FORTES
REPÓRTER

A partir desta semana, quem mora nos imóveis da União já deve começar a receber o Documento de Arrecadação da Receita Federal (Darf). O documento necessário para o pagamento de taxas anuais de ocupação e foro cobradas especificamente daqueles que moram nesses terrenos. As parcelas podem ser pagas parceladamente ou em cota única até o dia 12 de junho.

Na Bahia, há 29.737 imóveis. Desse total, 9.182 imóveis situam-se no município de Salvador. No exercício de 2017 a União estima que arrecadará R\$ 11,7 milhões em receitas patrimoniais no estado.

Este ano, o Governo Federal estima arrecadar R\$ 375 milhões em todo território nacional em receitas patrimoniais. Segundo o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, atualmente a carteira da União soma 587 mil imóveis dominiais (que não são ocupados pela administração pública) em todo o território nacional.



MORADORES

De terrenos da União começaram a receber Darf para pagamento

O tributo de ocupação vale para terreno de propriedade plena da União, e equivale a 2% do valor do terreno, excluídas as benfeitorias. O pagamento do foro é para o caso de aforamento, quando o usuário detém cerca de 83% da propriedade do terreno. A taxa corresponde a 0,6% do valor do terreno, excluídas as benfeitorias.

Será concedido ainda um desconto de até 10% para pagamento em cota única até o seu vencimento. Contudo, o desconto não se aplica aos débitos inferiores a R\$ 10. Para os débitos com valores superiores a R\$ 11,10, o desconto para pagamento a vista será de 10%. Para os débitos entre R\$ 10,00 e R\$ 11,10, o percentual de desconto para pagamento à vista será aquele necessário para que o Darf mínimo seja emitido.

As famílias que recebem até cinco salários mínimos são isentas da cobrança das taxas. Quem preferir, pode parcelar a taxa em até sete meses, mas não terá direito a abatimento. Os Darfs também podem ser impressos no site da Secretaria do Patrimônio da União.